O PRIMEIRO DE JANEIRO

Quarta-feira, 4 de Agôsto de 1943

5 MINUTOS DE CONVERSA

COM O POETA JOSÉ RÉGIO

QUEM temos na nossa frente, falando com calma, à mesa do Café, é o poeta José Régio ou o Dr. José Maria dos Reis Pereira, professor do Liceu de Portalegre, ecinido do Alto Alentejo? Estão presentes os dois, porque ambos são uma e a mesma pessoa. O ensaista de «As correntes e as individualidades na moderna poesia portuguesa», que tem quási vinte anos, e de «Em tôrno da expressão artística», é o poeta de «Poemas de Deus e do Diabo», de «Biografia», e de «As encruzilhadas de Deus», o autor dramático de «Jacob e o Anjo», e de «Três máscaras», o romancista de «Jôgo da Cabra Cega» e de «O Príncipe com orelhas de burro».

O antigo co-director de «Presença», o trabalhador e mestre da renovação artística operada em Portugal nos últimos vinte anos, clássico do modernismo,—disse-o António Sérgio: «Régio, para mim, é um clássico da nossa poesia»,—o que [illegible] como a mais alta vibração poética do nosso tempo, é um homem afável e simples. Possue essa modéstia superior dos eleitos. Fala das coisas literárias com entusiasmo, mas sem paixão, tendo palavras de homenagem para os que foram grandes e de fraternal simpatia para aqueles que ainda o não são.

Da nossa conversa, que não se destinava ao público, fomos anotando, de memória, alguns dados de interêsse para os leitores habituais desta secção. Ainda quando preguntámos a José Régio em que estava trabalhando agora, disse-nos:

—Presentemente, não tenho nenhum trabalho especial entre mãos. Terminei a «Antologia da Poesia Portuguesa», e deu-me bastante que fazer. Ter de seleccionar as obras dos nossos poetas com limites de espaço, é uma tarefa árdua. É difícil encontrar um que possa definir-se com um só poema. Todos apresentam várias facetas nas suas diversas obras e não é fácil, nem justo, pretender apresentá-los em dois ou três poemas.

—E a «Antologia» abrange os poetas modernos?

—Ah, não. Abstive-me de falar dos vivos, e compreende-se. Só abri uma excepção para Eugénio de Castro. E' que no panorama da Poesia, êsse poeta assinala, com Camilo Pessanha, a etapa, já vencida, do Simbolismo.

—Há ainda outra «Antologia», de poetas em que trabalha...

—Sim, a dos poetas do amor portugueses, em colaboração com Alberto de Serpa. Deve ficar concluída nestas férias.

—E não vai publicar uma reedição dos seus poemas?

—Na verdade, Eduardo Salgueiro pensou em reunir, em um volume, as minhas obras poéticas. Disse-lhe que não [illegible] recerem as minhas «poesias completas». Isso dar-me-ia a impressão de estar morto... Afirmei-lhe pretender publicar [illegible] realmente. Assim, ficou assente que a «Poemas de Deus e do Diabo», livro esgotado, e [illegible] Prefácio especial. A obra terá uma capa de [illegible] artista tem sido particularmente feliz nas [illegible] muitos abertamente o imitam... Depois, à [illegible] os meus volumes de poemas, se o público [illegible] possível que as dos outros se lhe sigam.

—E quanto a romances?

—Tenho, há muito, começado um, mas está longe de ir em meio. Não quere dizer que não tenha escrito muitas páginas—juntas já dariam mesmo um volume;—mas como romance está ainda no começo.

—Nem o êxito de «O Príncipe com orelhas de burro» activou essa produção?...

—Não são os êxitos ou os malôgros que determinam a criação literária... Esta surge quando tem de surgir... quando é possível...

—Não vai, porém, ser reeditado «O Príncipe»?

—Reeditado, sim; numa edição ilustrada por meu irmão Júlio. Amigos meus desejariam que as ilustrações fôssem dêsse extraordinário artista que é Paulo; mas prefiro que o nome de meu irmão fique ligado ao meu, neste trabalho, e ninguém me levará isso a mal.

—E obras projectadas?

—Uma casa editora de Lisboa convidou-me para colaborar numa antologia de escritores portugueses, a qual aparecerá em volumes, consagrado cada um dêles a um dos grandes nomes das nossas letras. A mim ofereceram-me fazer a selecção das obras e as biografias de Camões e João de Deus. Poderia fazer ainda a selecção e biografia doutro escritor da minha predilecção. Declinei o convite no que respeita a Camões, por me parecer que êsse trabalho deveria ser feito por alguns dos nossos camonistas e críticos da poesia clássica, como Hernâni Cidade ou Rodrigues Lapa. Aceitei fazer o volume de João de Deus, poeta que muito fala à minha sensibilidade. Desejaria também fazer o volume de Camilo...

—Camilo Pessanha...

—Não; Camilo Castelo Branco, que considero o mais representativo dos prosadores portugueses do último século.

—Mais do que Eça, por exemplo?...

—Digo mais representativo, pelo seu caracter de escritor português... Teria, porém, que reler as suas obras e elas foram tantas... Não sei se chegarei a escrever êsse volume.

—Os modernos escritores, os do nosso tempo, não entrarão nessa Antologia?

—Não conheço inteiramente o plano dela; mas quere parecer-me que não. Compreende-se; é preciso uma certa prespectiva...

—No entanto, a novíssima geração, está produzindo com intensidade, tanto na poesia como na prosa...

—Na prosa, sim; têm surgido ultimamente algumas obras excelentes. Quanto à poesia, porém...

Sentimos que José Régio desejaria fazer algumas reservas... Um amigo, que assiste à conversa, observa:

—Cuidado! Não venha depois, por aí, alguma carta anónima...

O poeta sorri e a conversa muda de rumo. Julgámos perceber, no entanto, que quando José Régio se refere à poesia moderna, e não indica A ou B como os maiores poetas de todos os tempos, é assediado com cartas anónimas em que lhe censuram tais lapsos.

PRÉMIOS LITERÁRIOS

OS prémios literários, em França, foram sempre um grande estímulo para quem escreve, uns por o seu montante ser na verdade apreciável, outros pelo renome que dão aos premiados, como sucede com o Prémio Goncourt. Muitos dêsses prémios, considerados de legados de Mecenas, são distribuídos pela Academia Francesa. Assim, a douta Sociedade acaba de distribuir os seguintes: Prémios Brieux, de Giraud, respectivamente, a Henri Ghéon e Louis Madelin; Prémio de Poesia a J.-R. Thomé, pelo seu poema «Daphné», e a Maurice Magre, por «Andante».

Outros prémios: o primeiro do romance policial coube a Henry Gerver, por «Le Docteur Karrol Hendryx», e o segundo à escritora Paule Fougère, por «La Mort Blanche»; o de literatura desportiva foi atribuído a Frison-Roche, pelo seu livro «Le Premier de Cordée». Indigitam-se para os prémios de literatura [illegible] o escritor Sébastien de Malmaison e para o da cinegética o barão Fabrice de la Cornudière.

Além dos prémios já estabelecidos, cada dia são criados outros. Assim foi estabelecido um com o nome do poeta Guillaume Apollinaire, que será atribuído, no dia 1 de Dezembro, ao manuscrito de poemas que mais se aproxime [illegible]. Êste prémio consiste apenas na publicação do manuscrito, outros há que são muito mais substanciais.

Assim, as Edições Balzac criaram um Grande Prémio de cem mil francos e mais três, respectivamente, de vinte e cinco mil, quinze mil e dez mil francos, para galardoar romances que constituam um estudo profundo da psicologia contemporânea, ou quadro histórico da vida colectiva francesa [illegible] «Vrai» [illegible] francos [illegible] especialmente para a juventude.

Outra editora pretende criar um prémio, de cem mil ou duzentos mil francos [illegible] ou ensaio, aparecida durante o ano; e um editor jovem, e por isso ousado, pensa em instituir outro, de cinquenta mil francos, para ser conferido por um júri composto exclusivamente de críticos.

Na Suíssa romanda, onde as letras francesas tomam extraordinário incremento, foi criado, pela «Guilde du Livre», um prémio de cinco mil francos (mais francos suissos) para ser conferido a um romance de pelo menos duzentas páginas, a enviar antes de 1 de Setembro, ao juri constituído pelos escritores Albert Mermoud, C.-F. Ramuz, Edmond Jaloux, H.-L. Mermod e G. Roud.

Nesta catadupa de prémios [illegible] contemplados [illegible] sem seu consentimento. Foi o que aconteceu com o publicista A. Tabarant, a quem a Academia de Belas-Artes de Paris distinguiu com o Prémio Thorlet, de 1.500 francos. [illegible] outras razões (entre as quais pode incluir-se uma original forma de publicidade), o premiado dirigiu, ao Secretário Perpétuo daquela Academia, uma indignada carta de protesto, da qual reproduzimos os seguintes parágrafos:

«Que história é esta? Quem pôde induzir a Academia de Belas-Artes a fazer ao velho escritor que sou esta partida de mau gôsto? Orgulho-me de ser um independente sem desfalecimentos. Detesto as honrarias, tôdas as honrarias, e [illegible] minha longa carreira. Que me deixem em paz é a minha constante ambição... «Como é possível que tão ilustre companhia proceda com tanta leviandade? [illegible] Como, com que autoridade, se arroga o direito de atribuir um prémio a quem nunca lhe pediu nada, sem tomar a elementar precaução de sondar prèviamente o interessado?»

O GRECO

HOMEM MISTERIOSO E PINTOR GENIAL

Suposto auto-retrato do Greco, segundo um desenho de Varela Aldemira

SABE-SE que se chamava Domenicos Teotocopoulos, o Domenico Teotocupoli à italiana, mas todos lhe chamam o «Greco». Não se sabe, porém, quando nem onde nasceu, nem com quem aprendeu a pintar de tão excelsa maneira. Só se sabe ter vivido na Espanha, em Toledo, a maior parte da sua vida, que foi longa, e ter pintado algumas dezenas de telas que, com as de Velazquez, constituem a glória das Espanhas no domínio da pintura. Não era o Greco espanhol de nação, mas de tal arte assimilou a alma espanhola, especificadamente a castelhana, o seu ardente misticismo, a sua sombria devoção, que se Santa Tereza de Àvila soubesse pintar não faria os seus quadros de forma diferente da dêsse levantino orgulhoso e mãos-largas, homem de vida obscura mas do mais claro génio pictural.

Deveria ter nascido em Creta, possivelmente em Candia, então sob o domínio da República de Veneza, entre 1537 e 1547. Teria ido muito novo para Veneza, aos 16 anos segundo uns, aos 20, segundo outros. Não há, porém, nenhuma notícia da sua passagem pela cidade dos Doges a não ser que muito aprendeu nos quadros de Ticiano e do Tintoreto, sem lhes ter freqüentado, contudo, os cursos ou passado pelas oficinas. De positivo—se há alguma coisa positiva na primeira fase da vida dêste pintor—sabe-se que teria ido para Roma em 1570, recomendado pelo miniaturista Julio Clovio ao cardeal Farnésio, para que lhe desse pousada. Ainda assim, Clovio não o nomeia. Apenas apresenta, numa carta, um «jovem candiota, discípulo de Ticiano» que, em sua opinião, era «um raro pintor», acrescentando: «entre outras coisas, fez um retrato de si próprio, que surpreende todos êstes pintores de Roma». No entanto, o auto-retrato dêsse candiota é desconhecido e, mais ainda, ninguém dá notícia da passagem do Greco por Roma. Nem Vasari, o biógrafo dos artistas, amigo e panegirista de Clovio, faz a mínima alusão a êle.

Teria o Greco vivido em Roma seis ou sete anos, pois em 1576 já estava em Toledo, a pintar quadros para a igreja de S.to Domingo el Antiguo. Pode dizer-se ter começado, então a vida artística do pintor àdvena, cujo prestígio a Espanha encorporou entre as glórias próprias. A partir dessa data, conhecem-se numerosos pormenores da vida do artista, vida por vezes atribulada. Teve dificuldades de dinheiro; demandas com os que lhe faziam encomendas; pleitos com o fisco; querelas com as autoridades eclesiásticas, por o pintor apresentar a divindade e os santos do florilégio católico como homens e mulheres, a par dos simples humanos, nas composições que fazia, e ainda por dar taamnho demasiado — diziam — às asas dos anjos. A tudo resistiu o Greco, com intemerato ânimo, pintando incansavelmente, retratos de notáveis, figuras de santos, grandes composições de cenas históricas ou biblicas para decorar palácios e igrejas, e ainda esculpindo e gisando planos arquitectónicos. Como os seus pares, os grandes artistas do Renascimento italiano, era também um talento polimorfo, não tão grande escultor como Miguel-Ângelo, nem tão grande arquitecto como êste ou Leonardo, mas perito nessas artes.

Na pintura, contudo foi singular e não pode dizer-se que magistral por não ter deixado discípulos, a não ser que se louvem na sua arte alguns impressionistas, ou melhor, certos expressionistas e outros arrojados pintores da modernidade. Da sua técnica singular tem havido várias interpretações. Assim, a sua simplificação, a sobriedade da sua paleta,—que se dizia ter apenas o branco, o negro, o vermelho e o ocre—pretende-se serem uma reacção contra o colorido de Ticiano, de quem, a princípio, muito se assemelhou, correndo como do mestre colorista veneziano muitas telas hoje reconhecidas como da autoria do Greco. Assim, para não dizerem que imitava ou era influenciado pela técnica de Ticiano, passaria a pintar pela forma inconfundível que permite, entre cem quadros de pintores do seu tempo, identificar à primeira vista o que fôr da sua mão. Pretendem outros sofrer o artista de astigmatismo, disfunção visual que alonga no sentido vertical as imagens, isto por parecerem os rôstos das suas figuras excessivamente compridos. Esta última interpretação parece ter sido posta de parte pelas descobertas da moderna oftalmologia.

Sempre que aparece um artista raro, logo se busca conhecer-lhe a filiação artística, os mestres com quem aprendeu, as influências que sofreu, o ambiente em que se formou. Essas tentativas, pelo que respeita ao Greco, são desconcertantes. Essa misteriosa e rara flor do Oriente, desabrochada no Ocidente, não teve mestres nem meio propício para florescer, pois não pode considerar-se Creta, no século XVI, um centro artístico, não o sendo também Toledo, a-pesar da sua vizinhança com a capital das Espanhas. Produto, ao parecer de geração expontânea, o Greco é um enigma ainda hoje para os críticos de arte. Só as suas obras aí estão, em Toledo, em Madrid e dispersas pelos principais museus da Europa e da América, para falar por êle, para o explicar e definir.

Não é possível tentar evocá-las neste breve apontamento biográfico. A galeria dos seus retratos é imensa. Alguns parecem repetir-se nas atitudes. Segundo D. Francisco Manuel de Melo, o artista teria feito alguns de «indiáticos», de novos-ricos, opulentados pelas chatinagens dos descobrimentos, por ocasião duma ida a Sevilha. Depois, «tornou-se à solene pintura, a que chamava seu natural, dizendo: antes quero viver mísero, que rudo». Pode a anedota não ser verdadeira. O artista se nem sempre viveu mísero, a verdade é que se muito ganhava muito gastava, sendo freqüente empenhar algumas das suas famosas telas. Rude, verdade seja, nunca o foi. Poderia tê-lo sido no trato e nos pleitos. Na arte, não. E' ela a mais subtil e delicada de todos os pintores do seu tempo. Quer nas figuras isoladas, quer nas composições, não se pode ser mais elegante. Os seus modelos eram sempre, como hoje se diria estilizados. Daí o ver-se no alongamento dos rostos, dos pescoços, das mãos, um defeito de visão, quando era um efeito de arte.

«El entierro del Conde Orgaz», do Museu do Prado

Como documento dessa elegância sobressae o «Expolio de Cristo», em que a figura do Nazareno é das mais belas interpretações que se conhecem dêsse homem idealmente perfeito e nobre. Nas suas Crucifixões, nas Descidas da Cruz, e outras cenas em que aparece a figura de Jesus é ela das mais belas e espirituais que se pintaram. Da mesma forma, na tela magistral «Entierro del Conde de Orgaz», galeria dos grandes de Espanha, tôdas as figuras respiram uma grande nobreza e cada uma, a despeito da semelhança da indumentária, tem um caracter especial. A certa figura teria dado o artista o seu próprio. De facto, pretende-se ser o pintor, um dos cavaleiros que fazem fundo à cena do «Entierro» assim como seria o centurião do «Expolio». No retrato de seu filho, Jorge Manuel, do Museu de Sevilha, em que o moço se vê empunhando a paleta e os pinceis, há quem queira descortinar uma visão do próprio Greco na sua juventude. Qualquer dessas imagens assemelha-se à dum quadro saído de Lisboa, há anos, e que o pintor Varela Aldemira, reproduziu em desenho, ao qual já, em tempos, nos referimos. E é tudo quanto podemos saber do retrato físico do pintor.

A sua biografia artística, encontra-se repetímo-lo, nas suas obras. Constituem-na vários capítulos: o da catedral de Toledo, o do Museu do Greco na mesma cidade, o do Museu do Prado, em Madrid; os do Escurial, de Baiona, de Illescas, de Barcelona, de Sigüenza, de Sevilha, de Léon, de Stiges e ainda doutras terras de Espanha; e os do estrangeiro, de Viena, de Paris, de Londres, de Atenas, de Roma, de Nova Iorque, etc., pois não há grande museu do mundo que não tenha como uma honra guardar um trabalho do Greco. No seu tempo, muitos o admiraram e alguns poetas chamaram-lhe divino; outros, porém, deslumbrados com a sua pintura, reagiam contra ela, para não ter de confessar o seu assombro. Foi, verdadeiramente, no século passado que o prestígio do Greco se firmou, sendo a sua vida e as suas obras objecto de profundos estudos. Graças a êles, pode saber-se que o artista pintou até os últimos momentos. Faleceu a 7 de Abril de 1614, sendo inhumado em S.to Domingo el Antiguo, de Toledo.

Pormenor do painel «El Expolio de Cristo», duma colecção particular

LIVROS DE HISTÓRIA

«A Carta de Pero Vaz de Caminha»

O Dr. Jaime Cortesão, que ao estudo da história dos descobrimentos e navegações dos portugueses vem consagrando um magnífico labor, acaba de enriquecer a historiografia da descoberta do Brasil com um notável trabalho: «A Carta de Pero Vaz de Caminha» (1). O documento famoso foi objecto de minuciosa análise, quer sob o ponto de vista histórico quer paleográfico e filológico. O erudito historiador não se limitou a reproduzr a «Carta», acompanhada da sua transcrição em linguagem da época e da sua adaptação à actual. Num substancioso «Prefácio», aprecia o documento, no seu caracter de relatório oficial do escrivão da armada, e estuda a personalidade de Pero Vaz de Caminha, cidadão do Pôrto. Para êste último estudo, louva-se o autor nas investigações feitas, e em parte publicadas em «O Primeiro de Janeiro», pelo nosso erudito colaborador Dr. Magalhães Basto. Insiste o sr. Dr. Jaime Cortezão no facto de a cidadania do Pôrto imprimir caracter ao escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral, reflectindo-se êsse caracter de homem liberal no tom da carta dirigida ao monarca.

Fac simile do final da carta e assinatura de Pero Vaz de Caminha

Se o «Prefácio» se alonga por cêrca de 130 páginas, as «Notas» finais ocupam quási outras tantas. Nelas o historiador faz detido exame de determinados passos da «Carta», alguns controversos por menos claros, perfilhando ou rebatendo as opiniões emitidas acêrca dêles por filólogos eminentes, como D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, ou investigadores minuciosos, como o Dr. Manuel de Sousa Pinto. As comparações com textos coevos e os argumentos de ordem filológica, transcendem o âmbito do simples historiador e dão à lição da «Carta» feita pelo Dr. Jaime Cortesão um caracter definitivo.

Um aspecto da personalidade do mestre da balança da moeda da cidade do Pôrto não foi pôsto em relêvo pelo eminente historiador: a de ter sido o primeiro jornalista português, pelo menos o primeiro de que ficou memória escrita. A «Carta» do achamento da «ilha» de Vera Cruz é uma reportagem, e admirável, feita por alguém que tinha um verdadeiro sentido jornalístico.

A falta do reconhecimento dêsse caracter de primeira reportagem escrita em português—pois as «Crónicas» são já história e não foram redigidas em presença dos acontecimentos que evocam—não diminue em nada o alto valor do trabalho do Dr. Jaime Cortezão, que sendo obra de erudito, rica de citações e dados históricos, se lê com interêsse, pois a Carta em si é uma bela página de livro de viagens e os doutos comentários que a acompanham têm o mérito de ser obra dum escritor vigoroso e elegante, que sabe prender sempre viva a atenção do leitor.

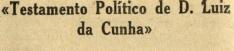
«Documentos sôbre a expansão portuguesa»

Com Prefácio e notas do sr. Vitorino Magalhães Godinho, saiu o primeiro volume da obra «Documentos sôbre a expansão portuguesa» (2), abrangendo os primeiros textos concernentes às navegações no século XIV até começos do século XV, isto é até as viagens ao Cabo Não e Pedra da Galé.

Numa Introdução, o autor expõe e sistematiza as fontes para o estudo da expansão portuguesa, tanto narrativas, como diplomáticas, cartográficas, técnicas e documentais diversas. Exemplifica êsse método no corpo do seu trabalho. Começa o primeiro capítulo com a mais antiga narração conhecida—a atribuída a Giovanni Boccacio,—a qual se reporta a descobrimentos feitos em 1341, seguindo-se-lhe a carta de D. Afonso IV a Clemente VI, de 12 de Fevereiro de 1345.

Outros capítuos, acompanhados, como o anterior, de notas explicativas, a seguir a cada texto transcrito, são os que dizem respeito aos feitos de Ceuta, à relação dos descobrimentos de Diogo Gomes, às realizações do Infante D. Henrique, ao descobrimento da Madeira e Açores e às viagens ao longo da costa ocidental da A'frica.

Como não é fácil aos estudiosos encontrar as várias crónicas que se referem aos descobrimentos e, muito menos, os documentos mais importantes concernentes a êles, a compilação feita pelo autor reveste-se duma grande utilidade para quem estuda tais problemas.

«Testamento Político de D. Luiz da Cunha»

O «Testamento Político» de D. Luiz da Cunha é o documento dum raro espírito de estadista que se permitiu dar alguns conselhos ao seu soberano, o rei D. José, conselhos ditados pela sua experiência de diplomata e pela sua cultura europeia. Nêle indicou ao rei para seu Secretário de Estado o futuro marquês de Pombal, e não é êsse um dos melhores traços da sua visão política de largo alcance. O texto dêsse documento, segunda uma das versões mais fidedignas, foi agora reimpresso, na Colecção «Biblioteca do século XVIII» (3), com Prefácio e notas do sr. dr. Manuel Mendes, que traçou um breve e claro perfil do estadista e um pouco da história do documento célebre, cujo desassombro, lucidez de idéias e crítica aos costumes da época não permitiram que no seu tempo tivesse larga expansão, circulando então clandestinamente.

«Grandes e humildes na epopeia portuguesa do Oriente»

Outra obra de história que transcende o âmbito das publicações do género—e excede mesmo quanto se poderia esperar do esfôrço dum só historiador—é «Grandes e humildes na época portuguesa do Oriente» (4), da autoria do sr. Visconde da Lagôa, cujo primeiro volume temos presente. Nela se propôs o autor registar quantos tomaram parte nos descobrimentos e conquistas dos portugueses no Oriente, fôssem almirantes ou prelados, simples matalotes ou missionários.

Obra tal nunca fôra tentada entre nós nem pelos mais pacientes e minuciosos investigadores. Realizou-a o sr. Visconde de Lagôa, em algumas décadas, e começou agora a dar à estampa o resultado do seu trabalho, graças à colaboração dedicada de várias individualidades, entre as quais avultam os editores da obra. Estes, no pórtico dela, declaram:

«Estamos no ádito duma galeria imensa, onde se alinham guerreiros, viso-reis, capitães-móres, estadistas, diplomatas, chefes, soldados, almirantes, marujos, mercadores, artistas, letrados, homens de acção e homens de saber. E' trabalho de dezenas de anos. O Autor—e na sua esteira os editores — para efectivarem tamanho esfôrço, tiveram de pedir, ao exemplo dos biografados, uma parcela, e não pequena, da sua fé, da sua perseverança—digamos o têrmo: do seu heroísmo.»

Não há exagêro nessas palavras. Os milhares de documentos que o autor teve de consultar, os textos a decifrar e cotejar, a paciência e o poder quási devinatório de identificar mareantes de nomes idênticos, atribuindo a cada um o que na realidade lhe cabe é tarefa que assombra. Para se ajuizar da magnitude da obra citaremos um exemplo:

Portada da obra «Grandes e humildes na Epopeia Portuguesa do Oriente»

Entre cêrca de 25 Antónios de Abreu, que serviram no Oriente na primeira metade do século XVI, e de cada um dos quais o autor refere aquilo que apurou—vida e morte, feitos e mercês, com citação de textos e documentos—consagra ao descobridor das Molucas perto de dez páginas de texto, acrescidas de quatro na «Adenda». O primeiro volume de aproximadamente 400 páginas vai só até o apelido «Acosta».

Numa lúcida «Introdução», o autor recorda o que foram as primeiras navegações dos portugueses desde do começo da história nacional, até chegar às viagens para o Oriente, a partir das quais começa realmente o seu exaustivo trabalho de investigação.—A.

(1) Ed. Livros de Portugal—Rio de Janeiro.
(2) Ed. Gleba—Lisboa.
(3) e (4) Ed. «Seara Nova»—Lisboa.

DE Bernard Shaw apareceu, em Inglaterra uma biografia, coordenada por Hesketh Pearson, na qual colaborou largamente o próprio biografado. Não é a primeira vez que o grande escritor auxilia os seus biógrafos. Há cêrca de trinta anos, o americano Dr. Archibald Henderson convenceu G. B. Shaw a criticar, emendar e contribuir para a sua obra ser o mais completa possível. Foi então que o grande humorista declarou que a sua biografia era a história da sua época. Agora o escritor octogenário continua a contar-se através dos seus biógrafos. A H. Pearson forneceu copioso material: correspondência e pormenores inéditos. Muitos passos da obra parecem escritos pelo próprio Shaw. No entanto, a biografia pretende ser sincera, sem adulações, revelando tanto as qualidades como os defeitos do biografado.

O escritor Fernando Namora, que está preparando a edição completa das suas obras poéticas, publicará, brevemente, na Colecção «Vértice», uma novela, «Burgo».

LÉON Lemonnier, o escritor que pode considerar-se o criador do populismo, escreveu, em «Comoedia» de Paris, um artigo consagrado a Maupassant, do qual extraímos o seguinte parágrafo: «Houve já uma arte mais pura do que a de Maupassant? Se quisermos definir a literatura, é a sua que precisamos tomar como exemplo, porque ela não se complica com idéias, com doutrinas, com concepções teimosas, com aquilo que conspurca, um tanto, Balzac ou Zola».

JOÃO Cabral do Nascimento, que últimamente se tem distinguido como um dos nossos melhores tradutores, também um verdadeiro poeta. Dêle sairá pròximamente, nas Edições Gama, um volume de poesias: «Cancioneiro».

EM Paris, a actividade editorial é notável, se atendermos aos tempos que correm. Assim, para a próxima época do fim do verão, estão anunciadas várias obras. Roger Lannes prepara um romance «La Malchance», para as Edições Demoël e Yanette Delétang-Tardif, um volume de novelas para os Amis de Rochefort. O editor Robert Laffont deve pubicar, brevemente, um romance de Marie Mauron, «Le sair finit par tomber», o primeiro romance de Jean Loisy, «Les enfants des vainqueurs» e, sob o nome de Albin Léger, outro da esposa do mesmo escritor, intitulado «Elissa». Nas Edições Sequana, aparecerão: «Le cheval blanc», de René Laporte, e «Nans le berger», de Thyde Monnier.

AUGUSTO dos Santos Abranches terminou um volume de poemas «A Cabeça Rola», que deve ser publicado ainda êste ano, e está trabalhando num volume de pequenos contos, escritos à maneira de crónica lírica, cujo título ainda não está fixado.

SAIU, há pouco no Rio de Janeiro o último livro escrito por Stephan Zweig. Essa obra póstuma é constituída por três novelas e tem o título de «As três paixões», tendo sido traduzida por Odillon Gallotti e Elias Davidovitch.

ESTA' em organização em Lisboa, uma nova editorial, destinada especialmente a ser útil aos auto-didatas, aos quais fornecerá, além dos livros que editar, informações sôbre o que mais lhes convem ler, segundo o seu grau de cultura, idade, ambiente, etc. Facultará também indicações bio-bibliográficas e biblioteconómicas e, em regime de empréstimo, os volumes de que os consulentes precisem. O novo organismo, que se intitulará Bôlsa do Livro, será dirigido por J. Vieira Alves.

JOÃO José Cochofel está trabalhando num ensaio sôbre música moderna, no qual tratará, entre outros problemas, do auditor perante a música.

O Hotel das Termas (de Caldelas —Braga), lembra aquelas limpas

Um Frigorífico Electrolux vale mais do que custa, pelo muito que poupa.

Pode comprá-lo, a um preço honesto, a pronto ou a prestações; basta telefonar para o número 2-0-3-3 ou visitar ELECTROLUX LIMITADA

UTILITÁRIO
direcção técnica de Raúl de Caldevilla
11.º ANO — N.º 212 (REGISTADO)
Reservados os Direitos de Reprodução — Tel. PÔRTO 8335 — LISBOA 2.7360

Compre uma GRAVATA «AJAX» de grande forma moderna.

TEM BARBAS?
Faça-as com a rica lâmina SWING
(Pronuncia-se: SU-IM)
Cada pacote com 5 lâminas 7$50
Para a Província, à cobrança 8$00